

DA COMPATIBILIDADE DO ROCK COMO OBJETO DA CRIMINOLOGIA CULTURAL

Diogo Ramos Cerbelera Neto¹
Florestan Rodrigo do Prado²

Resumo: O presente trabalho tem como escopo apresentar breves explanações sobre uma nova corrente criminológica intitulada de Criminologia Cultural e demonstrar a compatibilidade do Rock – e suas variadas vertentes no decorrer do seu processo histórico - como objeto de estudo por essa nova tese. O artigo discorre sobre a evolução do Rock e suas principais características no transcorrer da história demonstrando os temas que importam para a Criminologia e Direito Penal.

Palavras – Chaves: Criminologia Cultural; Rock'n'Roll; *punk*; *heavy metal*; subsistemas sociais.

1 INTRODUÇÃO

A música é presente em nossas vidas quase que a todo o momento, seja para relaxar, se alegrar, consolar a tristeza, viajar, ou simplesmente sem motivo algum. Mas quais os efeitos que a música produz em nossas vidas? O que ela causa em nossas almas, no nosso ser, nos nossos pensamentos e até mesmo na nossa sociedade? Essa discussão não é assunto meramente recente, muito pelo contrário, este tema já foi objeto de estudos de pensadores como Platão, Schopenhauer, Aristóteles, entre outros.

Acontece que mesmo sem nunca ter estudado a música sobre estes aspectos, não é difícil perceber que a arte se comunica conosco, de alguma maneira ela se infiltra em nossa essência e nos trazem diversas sensações. A arte esta intimamente ligada ao que fomos, somos e seremos.

¹ Discente do 4º ano do curso de Direito do Centro Universitário “Antonio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente.

² Docente do curso de Direito do Centro Universitário “Antonio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente. Mestre em Ciências Jurídicas pela Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP.

Partindo desse pressuposto que surge a ideia para o presente trabalho, ora, se a arte é tão incisiva assim, parece evidente que por influência daquilo que se ouve ou que se admire, até mesmo do se lê ou toque, os homens tendem a refletir estas sensações em suas ações e até mesmo nas suas reações, pois como já dito, a arte se comunica conosco.

Desse modo, seria possível a Música - mais especificamente o Rock – ter carga de influência para o comportamento delitivo? Será que este gênero musical que é conhecido pela não adesão aos comportamentos padrões, a uma postura subversiva e contestadora, que ainda possui como famoso lema o “Sexo, drogas e Rock’n’Roll” teria relevância para o estudo das ciências criminais e até mesmo da Criminologia?

É neste caminho que o artigo trilhará, buscando entender as principais características do Rock durante seu processo histórico e enfatizando os pontos que possam demonstrar sua compatibilidade como objeto de estudo de uma nova corrente criminológica denominada Criminologia Cultural que será também trabalhada em seus aspectos mais importantes, qual seja, sua conceituação e metodologias de trabalho.

De antemão, já deixo claro que o foco não será o estudo da música, e sim, sua relevância no que concerne ao tema jurídico-criminológico a fim de demonstrar a existência de um campo de pesquisa enriquecido de oportunidades de estudos acadêmicos e científicos.

Os métodos de pesquisa empregados foram o dedutivo, comparativo e histórico, haja vista o trabalho ter sido produzido em bases históricas do Rock ligando-as aos *status quo* de suas respectivas épocas e evidenciando sua compatibilidade como objeto de estudo da Criminologia Cultural, de tal modo que essa evidência é facilmente deduzida depois de estudada as regras gerais explanadas nos tópicos sobre a Tese Criminológica referida em comparação com as Teses Criminológicas Ortodoxas..

Vejamos a seguir, breves explanações de grandes pensadores a respeito da música em geral.

2 O PODER DA MÚSICA

Os filósofos gregos davam a música um papel muito importante no que concerne a educação e formação dos jovens de tal modo que Aristóteles já advertia que “pelo ritmo e pela melodia nasce uma grande variedade de sentimentos [...]” e “se pode distinguir os gêneros musicais por sua repercussão sobre o caráter.” (ARISTÓTELES apud W.MATT, 1981 p. 6.).

Platão foi ainda mais axiomático, “Toda inovação musical é prenhe de perigos para a cidade inteira”... “não se pode alterar os modos musicais sem alterar, ao mesmo tempo, as leis fundamentais do Estado” (Platão, República, Livro III). Por este viés, podemos afirmar que a música repercute nos costumes, moldando a mentalidade do homem e trazendo como consequência a mudança das leis e até mesmo das instituições, sendo possível, de acordo com Platão, revolucionar uma cidade com o poder da música.

A música tem tanta efetividade, pois permite penetrar na alma do homem desde a tenra idade, a música age sem ser percebida “a ponto de conseguir destruir ou revolucionar uma sociedade, ‘pois é aí que a ilegalidade se insinua mais facilmente, sem ser percebida... sob forma de recreação, à primeira vista inofensiva” (MONTFORT, [201-?]).

Complementando, Platão (República, Livro III) foi bem claro no seguinte:

a princípio (a música), causa dano algum, mas esse espírito de licença depois de encontrar um abrigo, vai-se introduzindo imperceptivelmente nos usos e costumes; e daí passa, já fortalecido, para os contratos entre os cidadãos, e após os contratos, invade as leis e constituições, com maior impudência, até que, ó Sócrates, transforma toda, a vida privada e pública.

Fato curioso é a história bíblica de Saul e Davi, onde este tocava para aquele para acalmá-lo conforme as escrituras nos contam (1Sm 16:23) “E sempre que o espírito mau de Deus acometia o rei, Davi tomava a harpa e tocava. Saul acalmava-se, sentia-se aliviado e o espírito mau o deixava”. Demonstra-se o poder que a música detém de nos trazer sensações inclusive espirituais.

Ante o exposto, podemos ter uma noção de que de fato a música exerce influência sobre os homens, no entanto, resta saber de que maneira ela se conecta a nós.

A arte transmite ideia através de símbolos, na maioria das vezes estes tem sentido ambíguo, mas o que importa é que exprimi ideias. Por exemplo, o símbolo da Medicina é uma serpente, que tem origem na Grécia Antiga nos sacerdotes de Asclépio, deus da cura, no entanto, a serpente também pode ser símbolo do demônio com exórdio no livro de Gêneses da Bíblia Cristã, e ainda a serpente pode simbolizar Cristo quando Moisés ergueu a imagem da serpente de bronze para curar os judeus picados por cobras no deserto, isto é, um mesmo símbolo com ambiguidade, tanto para astúcia maligna quanto para a prudência santa.

Nesse sentido, podemos usar das palavras de Hans-Joachim Koelreutter, maestro brasileiro de origem alemã, “A música é uma linguagem, e como linguagem ela é um meio de transmissão. Ela transmite alguma coisa: uma mensagem, uma informação, e assim por diante. Eu diria então que a música é uma linguagem que entre outras coisas, é capaz de transmitir manifestações espirituais”. (KOELREUTTER apud MONTFORT, [201-?]).

A Música, como espécie da Arte, transmite ideias por meio de símbolos sonoros, que compõem, por exemplo, suas melodias, de caráter meramente subjetivo quanto a sua interpretação; as letras colocadas nas canções também tem papel fundamental na transmissão dessas ideias, pois tenta de uma maneira mais objetiva exprimir o que significam os símbolos sonoros, só que mesmo com elas ainda há margem para um tanto de subjetividade, já que a literatura mesmo tentando ser objetiva ainda abre espaço para diversas interpretações textuais, tornando a música no todo uma das artes mais subjetivas que existe.

Friso para que fique bem claro, como já dito, o respectivo trabalho não tem como escopo o estudo da música, e sim, sua participação na vida do homem que traz como consequência uma suposta influência na sociedade, no direito e inclusive nos delitos, mas para chegarmos até lá, é necessário termos considerações básicas de como a música – mais especificamente o Rock, um dos objetos principais do nosso estudo – funciona, como se conecta com o homem e

ainda como se aplica a Criminologia. Toda essa sistematização será trabalhada posteriormente nos institutos da Criminologia Cultural.

3 BREVE EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO ROCK

É impossível falarmos do Rock sem antes passarmos por ritmos que o antecederam e não apenas isso, o influenciaram como, por exemplo, o *Blues*, resultado da junção de música negra e a europeia.

O cenário da década de 40, no solo americano, representava o conservadorismo, de modo que enaltecia o *status quo* da época e fortalecia o famoso *american way of life*, glorificando a vitória na Segunda Grande Guerra. É claro que a música naquele tempo não fugia disso, a *pop music* era predominantemente branca e reproduziam os padrões adultos conservadores.

O *Rhythm and Blues* (uma das vertentes do Blues) começa a ganhar mais força no final da década de 40, trata-se de um ritmo com essência da música negra, com influência de ritmos afro-americanos, as guitarras elétricas foram essenciais para caracterização desta. Suas letras falavam sobre os conflitos, as adversidades, a difícil vida no campo e eventualmente, sobre celebração.

Assim, “reprimidos pela sociedade *wasp* (*white, anglo-saxon and protestant*), a mão-de-obra negra, desde os tempos da escravidão, se refugiava na música (os *blues*) e na dança para dar vazão, pelo corpo, ao protesto que as vias convencionais não permitiam.” (CHACON, 1985).

Após a Grande Guerra e seus milhões de mortos, muitos começaram a questionar o modelo de comportamento que levava multidões a morte, identificaram no *blues* um comportamento que sempre foi contrário a isso, mas foi após a Guerra da Coreia que:

A incerteza parece ter aumentado e a vibração negra, sua voz grave e rouca, sua sexualidade transparente e seu som pesado agora alimentado pela guitarra elétrica, tudo isso parecia bem mais atrativo a milhões de jovens, inicialmente americanos mas logo por todo o mundo, que pareciam procurar seu próprio estilo de vida. (CHACON, 1985, s.p.)

O Rock'n'Roll teve, com certeza, como sua maior fonte o *R&B*, os escravos negros levados a sociedade norte-americana por meio de sua musicalidade, de suas histórias, colocaram os primeiros “tijolos” na construção da história do Rock (MARQUES TINTI, [201-?]):

O primeiro grito negro cortou os céus americanos como uma espécie de sonar, talvez a única maneira de fazer o reconhecimento do ambiente novo e hostil que o cercava. À medida que o escravo afundava na cultura local - representada, no plano musical, pela tradição européia - o grito ia se alterando, assumia novas formas.(MUGGIATI, 1973, p. 8)

Mas também há de se ressaltar que o *Country and Western*, comparado ao *Blues*, já que representava o sofrimento, o lamento dos pequenos camponeses brancos, foi muito importante nesse processo.

Foi nos anos 50 que o Rock começou a ter mais transparência, pois foi nesse período onde o *Rockabilly* surge se desvinculando do *R&B* e *Country and Western*, os valores de rebeldia e juventude começam ser transmitidos por meio das canções de Elvis Presley, Jerry Lee Lewis, *Bill Haley and his Comets*, Jackie Breston, por exemplo.

Os anos 60 são estrelados com o surgimento dos *Beatles*, talvez a banda de maior sucesso no mundo até hoje, esse período é marcado pela rebeldia e manifestações pacifistas contra a Guerra do Vietnã. O movimento *hippie* aparece aqui, tem como lema marcante desse tempo o famoso “Paz e amor” trazido pelo festival Woodstock, em 1969. Outro artista marcante da época que não poderia deixar de menciona-lo foi *Bob Dylan*, veio com tudo com suas canções de protesto.

Em seguida, década de 70 emerge os *punks*, movimento que não veio apenas com protesto político, mas musical também. Movimento anarquista, subproduto de uma sociedade violenta, o punk representava um espelho perverso desse cenário. No Brasil, o tema virá à tona em capítulo posterior, mas de antemão podemos afirmar que as primeiras bandas do nosso solo surgiram da necessidade de falar da realidade da época, bandas como Restos de Nada, AI-5, Cólera, Condutores de Cadáver, entre outras, representavam o início do *punk* no Brasil.

Anos 80, o Rock começa a ter múltiplas faces, isto é, ganhou várias ramificações dentre elas o *Heavy Metal*, que por si só possui dezenas de subgêneros, as vezes até contraditórios entre si, por exemplo, o *Black Metal* cultua o

diabo e o ocultismo enquanto o *White Metal* é voltado a louvar a Deus, o *Thrash Metal* já vem com uma postura de protesto, críticas sociais e muitas vezes religiosas, impossível não citar a banda americana *Slayer* como um dos maiores ícones desse gênero. Então, o alvo do Rock agora é muito mais amplo, haja vista que por ter várias personalidades, às vezes, até mesmo antagônicas tudo quanto é assunto o Rock já explorou, desde o misticismo até os conflitos sociais, psicológicos e espirituais, mas uma coisa é certa, o Rock nunca perdeu sua característica mais importante, qual seja sua essência subversiva, transgressora, o Rock não gosta de ser limitado e nunca deixará ser, busca sua liberdade e enquanto houver restrição a este direito o Rock não deixará de contestar. O Rock sem dúvida alguma foi fundamental para aquisição de direitos, foi claramente um dos motivos que influenciaram a “antecipação de futuro”, no sentido de que impulsionou as expectativas normativas.

Partindo do pressuposto que o Rock foi e é intimamente ligado a alteração de costumes e valores e conseqüentemente ao próprio Estado por meio de alterações legislativas e instituições, tal como os filósofos gregos já afirmavam, assim surgiu a ideia para este trabalho, ou seja, se o Rock como Subsistema da Arte agiu como ambiente para o Subsistema do Direito, por que não agir como ambiente também para a Criminologia, isto é, se há comunicação entre aqueles sistemas tem de haver também com este. Mais a frente será feita análises de comportamentos dos roqueiros/*punks/headbangers* em seus movimentos e tentaremos entender os motivos deles, se há infrações, o que pensam delas e a postura frente ao *status quo*, sobre a ótica da Criminologia Cultural.

Volto a dizer que o presente trabalho não tem como escopo tratar exclusivamente sobre a música por si só, e sim, sobre a influência desta sobre a Criminologia, tudo até aqui tem cunho introdutório e pelo mesmo motivo não busco aprofundar aos detalhes de cada período, o que nos interessa são suas características mais incisivas que impactam o *status quo* vigente de suas respectivas épocas e que será tratado em capítulo apartado.

4 CRIMINOLOGIA CULTURAL. O QUE É?

A Criminologia Cultural trata-se de uma abordagem teórica, metodológica e intervencionista do estudo do crime, onde a criminalidade e o seu controle são colocados em um contexto cultural. Desse modo, o crime e as agências e instituições de controle são colocadas como Produtos Culturais. Analisar o contexto onde o crime e controle da criminalidade estão inseridos é fundamental para entendermos suas reais consequências. Diferente da Criminologia Ortodoxa (criminologia positivista e paradigma etiológico), a Criminologia Cultural aponta a necessidade de estudar a Experiência como um fenômeno, sendo assim, os conceitos de crime, desvio e controle de criminalidade, são criados tanto pelos sujeitos envolvidos, tais quais, os infratores, vítimas e atores do sistema penal, quanto intermediados e desenvolvidos pela incisão dos meios de comunicação e outras intervenções, como por exemplo, o marketing e a mídia.

No entanto, essa nova teoria da Criminologia não deve ser vista como uma forma de oposição às teorias criminológicas modernas, pelo contrário, deve ser visualizada como um meio de renovar o estudo do crime, expandindo-o.

A experiência em primeiro plano do crime raramente é vista nos estudos tradicionais criminológicos do desvio, por isso podemos dizer que a Criminologia Cultura traz metodologias que se diferenciam das demais por ter um viés mais humanista de pesquisa, inadmitindo a possibilidade de uma criminologia estritamente objetiva, impulsionando seu cientista a ter um maior envolvimento nos ambientes onde os delitos acontecem, dessa maneira, Álvaro Filipe Oxley da Rocha e Simone Schuck da Silva (2015), afirmam:

criminologia cultural pretende ir ainda mais além, convidando o pesquisador a participar de experiências limítrofes e a conhecer ambientes considerados criminógenos ou criminosos. Em face do desejo de estudo do primeiro plano do crime, mostra-se importante, ao investigador, conhecer as sensações de humilhação, arrogância, desejo de vingança e indignação, a assunção de riscos, e toda a dinâmica emocional vivida no fenômeno criminoso

E ainda complementam, “O objetivo é uma maior compreensão criminológica, pois ‘se o significado do crime é em grande medida construído no momento de sua experiência, de que outra maneira podem os criminologistas investigá-lo e entendê-lo?’”.

Segundo Carlos Alberto Elbert (ELBERT, 2012, p. 143):

ignorar a realidade ontológica dos comportamentos danosos e seus efeitos culturais resultou, em consequência, uma omissão grave, que distanciou a criminologia crítica dos sucessos cotidianos e de sua percepção social, conformada culturalmente, em boa medida, pelos meios de comunicação

Sendo assim, é preciso transcender o estudo do “plano de fundo” do crime, quer dizer, as desigualdades econômico-sociais devem ser consideradas causas de crimes, mas não apenas estas, nesse sentido Prof^o Oxley da Rocha e Simone acima mencionados afirmam:

as falhas na estrutura social são causas do crime, mas não as únicas; e, no ato delituoso, tal qual em outros fenômenos humanos, a estrutura social de classe ou a etnia relacionam-se com decisões situacionais, estilo pessoal e referências simbólicas – interações culturais com seu autor (2015, p.?)

Para este movimento intelectual, o ato de transgressão, o delito, possui uma carga atrativa para o transgressor, diferente do positivismo que defende a tese de que o indivíduo esta mecanicamente impulsionado para transgredir, nem como na teoria da escolha racional em que o autor busca falhas nos sistemas de controle social para atravessa-los.

Neste caminho que o presente trabalho trilhará, isto é, o Rock trata-se de uma subcultura e um subsistema da arte que gera ambiente para os demais sistemas sociais como o Direito e a Criminologia, a conexão entre eles será feita através da Criminologia Cultural que possui características extremamente compatíveis com este meio de comunicação que será traçado com a música, haja vista que esta é também cultura e aquela tese da Criminologia é moldada num contexto também cultural.

5 PRINCIPAIS IDEOLOGIAS DO ROCK NO DECORRER DA HISTÓRIA

A arte esta intimamente ligada as questões políticas, o Rock principalmente, por ser um gênero artístico-musical contestador as superestruturas do sistema, seja nos níveis políticos, cultural e do comportamento do sistema o que acarreta em reflexos sobre a infraestrutura (CHACON,1985, p.49). A maior prova

disso são as censuras oriundas do Estado frente aos questionamentos pelo Rock, assim explica Paulo Chacon:

Antes, porém, do nível político, precisamos definir melhor o nível de ação da música. Seu papel galvanizador é indiscutível, e a maior prova disso é a necessidade que o sistema tem de censurá-la quando se vê duramente atingido. Proibida na África do Sul, *Brick in the Wall* do Pink Floyd serviu de música-tema para os manifestantes negros perseguidos pelo racismo.

Da mesma forma (embora não seja rock), *Caminhando* de Geraldo Vandré simbolizou toda a resistência estudantil à repressão da ditadura militar brasileira no período pós-AI-5.

Ora, o papel político do Rock é divulgar os problemas que a sociedade vive, partindo disso, entende-se que não há longas explanações teóricas, por óbvio, a música sofre de uma limitação temporal que não permite longas argumentações, no entanto, ela carrega muita efetividade na propagação de ideias, pois se trata de um veículo de massa para se alcançar um comportamento de massas. Mas afinal, que ideias são essas? Com o que o Rock se preocupava em propagar em sua origem e no passar dos anos? Veremos a seguir.

6 ROCK ANOS 50-60: OBSCENIDADE TRANSGRESSORA

Naqueles anos, havia um ditado, atribuído a Sam Philips (produtor musical, compositor que descobriu Elvis Presley e Jerry Lee Lewis) que se assemelhava aos seguintes termos “Se eu encontrasse um branco com o som de um negro e o sentimento de um negro eu faria um milhão de dólares” (SCHWARTZ, 2014, p.33). Acontece que naquela época, os salões de *blues* eram conhecidos pela sensualidade e chamava muita atenção dos jovens pós II Guerra Mundial.

É importante dizer que há uma separação entre os roqueiros clássicos que aqui se encontram, haja vista que em sua primeira geração se encontram os negros – Fats Domino, Chuck Berry, Little Richards, etc - que ficaram populares antes de 1956 com raízes no *Rythm and Blues* e os de segunda geração, com raízes no *country* liderados por Elvis.

Foi em 1952 que “*Rock the Joint*”, de Bill Haley and the Saddlemen, foi gravada, considerada por muitos como a primeira gravação de Rock feita por um branco, em seguida passou a ser chamado Bill Haley and His Comets, considerado

como o primeiro grupo de Rock'n'Roll e pai adotivo desse novo ritmo, pois como “Alan Freed, um disc-jôquei de Cleveland, Ohio, percebeu que a música negra era um filão mercadológico consumível pelo branco desde que se trocasse de nome de *rhythm and blues*, demasiadamente negro, por algo mais branco: surgia assim o rock and roll” (CHACON, 1985, p.26).

No entanto, Bill Haley não atendeu as novas exigências do mercado que estava nascendo, insuficiente para transformar um simples modismo em algo maior, foi assim que apareceu Elvis Presley, ou “The Pelvis” como era também chamado, foi um símbolo sexual, sua marca era o rebolado que foi considerado obsceno para a época, tanto que na narrativa de Muggiati (1985, p.32):

Quando surgiu, sua influência foi considerada desagregadora para a mocidade americana. A partir do seu terceiro show na televisão americana, em janeiro de 1957, a imagem de The Pelvis só podia ser mostrada da cintura para cima, pois sua ginga era considerada obscena.

O rock nesse momento estava recheado com a agressividade, sensualidade e dominando uma juventude que estava a caminho de arrojado o *status quo* no qual estavam inseridos. Os jovens dos anos 50 viam no rock “uma expressão de rebeldia e de uma inquietude crescente contra a perceptível rigidez e banalidade de uma época dominada por políticos republicanos conservadores” (FRIEDLANDER, 2010, p.46). Isso assustou os adultos, pois viam seus filhos agindo em desconformidade aos padrões, viam sua prole reagindo de maneira não-autorizada, desobedecendo por influência dessa música espontânea e social. É fácil de visualizar essa cena, é sabido que os pais daquela época foram a maioria educados no exército ou influenciados pela estrutura hierárquica do ambiente laboral ou familiar, além de terem na época, uma visão racista sobre o Rock, pois sabiam que tinha origem negra, por essa razão a maioria dos pais brancos julgavam o Rock como animalesco e irracional.

A vida dos jovens estava começando a perder sua previsibilidade, gerando uma suposta insegurança na visão dos adultos, diante disso, o Estado, a religião e a família se colocavam contrários aos filhos roqueiros, enquanto estes estavam cheios de criatividade e paixão pela música.

Na década de 60 houve um fenômeno contracultural, diferente da década passada onde o enfoque estava ligado mais a um romantismo, o Rock aqui se confira como um catalisador da contestação política. É nesse período que surge os *hippies*, cujo movimento defendia, entre outros, alguns valores como “a paz, a ecologia, as liberdades civis, as novidades espirituais, o feminismo e a liberação sexual” (HEIN, 2011, p.33, apud SCHWARTZ, 2014, p.41). O rock tem como tema aqui também a Guerra do Vietnã, segregação racial, a disseminação de armas nucleares, entre outros. Nesse sentido, MARQUES TINTI, Simone ([201-?],):

Movidos pelo slogan “paz e amor”, esses jovens que se entregaram à ideologia do pacifismo, do amor livre e das “viagens” de LSD representaram um movimento importante para a contracultura: “o movimento hippie vai construir suas comunidades em meio a um clima astrológico que previa (...) o advento de um novo mundo” (CHACON, 1985. p. 63). Eles esperavam pela “Era de Aquário” em meio à busca pelo prazer: “... não havia lugar para a injustiça social, a degradação da natureza e a opressão humana.” (MUGGIATI, 1985, p. 41).

O consumo de drogas era demasiado, não estou dizendo que começou o consumo aqui, nem que exista somente no ambiente do rock, mas há um destaque nesse momento quanto ao marcante festival Woodstock em 1969 que chocou a sociedade conservadora da época, pode-se dizer que o uso de entorpecentes começou a crescer mais ainda neste período, assim³:

Bebidas, entorpecentes e mulheres foram a filosofia de vários rock stars. Músicas como “Sister Morphine”, do Rolling Stones, “Cocaine”, do Eric Clapton, “Heroin”, do Lou Reed, “Girls, girls, girls”, do Mötley Crüe, entre outras, só mostram como a famosa trilogia está associada ao rock. Entretanto, “a droga e o sexo já faziam parte da vida de muitos cantores antes do rock nascer. Artistas de jazz já faziam o mesmo e, segundo seguranças de casas de shows, qualquer estilo de música tem usuário de drogas. Os dois estão relacionados mais ao prazer e à diversão”, afirma o jornalista especializado em música, Adriano Coelho. A junção dos três elementos mais famosos da música ganhou repercussão em 69, na primeira edição do festival Woodstock. “Desde os primeiros anos do rock, na década de 50, a droga e o sexo já faziam parte da vida de quem curti o estilo, mas o movimento hippie queria chocar, e conseguiram isso através dessa trilogia”, disse Adriano.

³ Observação: Autor desconhecido, disponível em <https://whiplash.net/materias/opinioes/075346.html>. Apesar de constar a música “Cocaine” como de Eric Clapton, cabe aqui uma correção, pois esta canção foi na realidade gravada por J.J Cale e fez sucesso como cover de Eric Clapton.

Por fim, destacam-se nesse período os seguintes artistas: The Mamas & The Papas, Animals, The Who, Jefferson Airplane, Pink Floyd, The Beatles, Rolling Stones, The Doors.

6.1 Rock Anos 70: Punk - Ideologia Política

“Se o punk é o lixo, a miséria e a violência, então não precisamos importá-lo da Europa, pois já somos a vanguarda do *punk* em todo o mundo” – Chico Buarque (Botinada, A Origem do *Punk* no Brasil. Direção de Gastão Moreira, Produção de ST2, 2006, duração: 110 min.)

A cena Rock'n'Roll propiciava o nascimento dos *punks*, o Rock significava uma ruptura de barreiras, mas não era ainda suficiente, o *punk* veio para reforçar o caráter subversivo musical.

Como já foi dito aqui, o movimento *punk* representa o subproduto de uma sociedade violenta, com o visual extravagante, os *punks* com seus moicanos, espinhos, *piercings* e etc vieram para causar grande choque na década de 70, uma verdadeira reformulação visual.

Suas ideias principais são absolutamente subversivas, não somente do ponto de vista político, mas musical também, para eles não era necessário técnica musical para se expressarem, era difícil encontrar quem realmente sabia tocar tecnicamente dizendo, além disso, vigorava o “Faça você mesmo”, “em qualquer lugar do mundo, por mais carente que seja a comunidade, haverá sempre uma guitarra vagabunda plugada num amplificador podre e uma bateria de lata para que garotos descubram a inigualável experiência de fazer os seus próprios sons.”(ESSINGER,1999, p.15)

Claro que se não possuíam sequer instrumentos, aparelhagem de som, não tinham como ter conhecimento musical, não tinham estudo de música algum.

O alvo das músicas é o dia a dia desses garotos, suas inquietações com enfoque a exclusão social, a repressão estatal, desemprego, a violência, a podridão do dia a dia.

A fórmula não passava de “simplicidade, energia, volume e rebeldia” para que as bandas *punks* estivessem completas.

No Brasil, as primeiras informações desse movimento chegaram por meio da revista da época denominada “Revista Pop”. Acontece que no início a ideia *punk* veio um tanto distorcida para o Brasil, propiciando o nascimento de verdadeiros “rebeldes sem causa”, outro ponto que ajudou nessa distorção foi o filme “The Warriors” de 1979, estes e outros fatores fizeram com que no movimento *punk* surgissem diversas gangues, havia muita violência entre elas e quase sempre sem motivo, na origem o *punk* apareceu com um ideal de “quebrar tudo”, a própria música instigava as brigas, “quanto mais tocava mais o coro comia”. Os *punks* eram garotos de 15 a 18 anos difíceis de serem parados. No começo as brigas se limitavam a socos, ponta pés e correntadas, especialmente entre os *punks* de São Paulo e os de ABC (região da grande São Paulo composta por Santo André, São Bernardo e São Caetano), entre estes existia uma rixa muito forte, pois os *punks* de São Paulo tinham mais acesso a informações, LP’s e etc, enquanto os *punks* do ABC tinham menos acessibilidade, no entanto, se sentiam mais importantes por estarem presentes nos movimentos sindicais, inclusive os quais onde o ex-presidente Luis Inácio “Lula” da Silva estava presente, se sentiam mais envolvidos politicamente que os de São Paulo. Outro detalhe importante, o *punk* se caracteriza como um dos movimentos da esquerda política e defendem, a sua maneira, os mesmos valores que os demais movimentos esquerdistas.

Mas, infelizmente, essa briga onde nenhum lado se beneficiava, apenas impedia o movimento de crescer, foi se tornando cada vez mais violenta a relação entre eles, estavam se matando, faziam uso de bombas caseiras como os coquetéis *molotov*, diversas armas e foi em 1981 que a violência chegou ao auge.

Muitos consideram que o verdadeiro movimento *punk* no Brasil nasceu nos anos 80, pois aí que as gangues começaram a viver mais pacificamente, o verdadeiro significado do *punk* se torna mais transparente, que era um movimento anarquista que visavam “destruir tudo e depois reconstruir com dignidade”, isto é, enfrentar o sistema e reconstruí-los com seus ideais socialistas⁴:

O punk é um movimento sócio-cultural, ele é a revolta dos jovens da classe menos privilegiada, transportada por meio da música” disse Clemente, vocalista da banda Inocentes em carta resposta sem data à matéria

⁴ Observação: Autor Desconhecido, disponível em <https://agenciabaquara.wordpress.com/a-historia-do-movimento-punk-no-mundo-e-no-brasil/>. Visitado em 23/04/2017.

intitulada “A Geração Abandonada” publicada pelo jornal O Estado de São Paulo também sem data definida, no ano de 1982.

Os ícones desse movimento no Brasil foram Olho Seco, Cólera, Restos de Nada, Ratos de Porão, Condutores de Cadáver, AI-5, Inocentes, Os Replicantes, etc.

Além da violência, as drogas eram muito presentes ao movimento. Quanto à aceitação social, obviamente não existia, eram reprimidos por parte do Estado.

6.2 Rock anos 80: Cenário Polissêmico. Heavy Metal

Há certa divergência quanto a origem do Heavy Metal, em minha opinião, foi a banda Black Sabbath em 1970 que deu o *start* nesse gênero musical – que particularmente, é meu favorito -, no entanto, há aqueles que advogam no sentido de que talvez tenha sido o Blue Cheer a primeira banda de “Metal Pesado”, ou o Led Zeppelin, ou até mesmo o Alice Cooper, enfim, independente de quem tenha sido o precursor o que nos interessa é que nos anos 80, mais especificamente em 1986, segundo o documentário “*A Heavy Metal Journey*”, o Heavy Metal se tornou o gênero musical mais popular do mundo.

É muito interessante estudar a história do Heavy metal, pois assim pode perceber o quanto este gênero foi estereotipado, repellido e condenado durante mais de 30 anos. Foi um tipo de música que sofreu grandes represálias pelos mais conservadores e religiosos, acusado inclusive de incentivar ao suicídio, a violência, ao uso de drogas, etc.

Mas o que significava a música para os *headbangers* (os fãs de Heavy Metal)? Grande parte deles encontrava na música a sua “válvula de escape”, o veículo para aliviar toda a sua raiva, a sua angustia, era ali que eles podiam se expressar e mostrar que não seguiam ao sistema, “jogavam as regras fora”. Ora, é claro que o Rock’n’Roll é o gênero que mais influenciou diretamente o Heavy Metal, mas o que muitos não sabem é que a Música Clássica também teve fundamental participação no processo de crescimento do Metal, principalmente na dramatização,

na teatralidade que se encontravam nos concertos de música Clássica e que podemos ver claramente nos palcos de bandas como Iron Maiden, com o *frontman* Bruce Dickinson (um dos principais grupos do movimento *New Wave of British Heavy Metal* na década de 80, deixando as primeiras bandas de Heavy Metal para trás e trazendo um som mais rápido, melódico e pesado), Judas Priest, com o Rob Halford, Yngwie Malmsteen, fascinado pelo violonista Nicolo Paganini, entre outros.

Também não pode esquecer-se do *blues* e do *Jazz*, mas quanto ao primeiro, já era de se imaginar, pois como já foi dito o *blues* representava a música dos oprimidos, cantavam algo que ninguém cantava na época, era ousado, assim como o Rock em geral e o Heavy Metal, uma cultura de excluídos.

O Heavy Metal, apesar de parecer ser violento para quem vê de fora, trata-se de um estilo de música de liberação emocional, há certa agressividade, mas não perigosa. Quando se olha os *mosh pits*, para quem não faz parte do movimento, parece ser mera agressão sem causa, mas na verdade, os movimentos ali praticados não tem real intenção de machucar ninguém.

Surge a partir dos anos 70 – 80, um cenário polissêmico no Rock, isto é, com o surgimento de dezenas de subgêneros no Heavy Metal, os temas passaram a ser diversos, tudo podia ser alvo das letras, as roupas, o estilo visual propriamente também era meio de se atacar algo que na época gerava alguma forma de repressão para eles, mas de início, como ensina Paul Friedlander (2010, p.383):

Com as instituições sociais e econômicas da sociedade, incluindo os relacionamentos familiares e o sistema educacional, decaindo e as oportunidades de empregos, dos que sustentavam as famílias, desaparecendo, era natural que um estilo de música popular refletisse a desilusão, medo e impotência que acompanhavam esta situação. Os rapazes buscavam por uma identidade de força, e no início o heavy metal era masculino e poderoso.

O Heavy Metal existe em qualquer lugar do mundo, o mais legal é observar como o gênero é apreciado em cada lugar, mas quanto a estas particularidades não vou aborda-las aqui, o que preciso dizer é que em qualquer lugar do planeta onde houver pessoas que se sintam censuradas pelo ambiente em que vivem, onde sintam que sua liberdade esta sendo tolhida, que precisam se

expressar e aliviar seus sentimentos, o Rock/ Heavy Metal estará presente e influenciarão todos os outros subsistemas sociais e criarão sua própria subcultura.

Agora já temos dados suficientes a respeito da música, em específico o Rock, podemos prosseguir com o foco na Criminologia Cultural que já foi “pincelado” no início do trabalho.

7 FORMAS DE TRABALHO DA CRIMINOLOGIA CULTURAL

A Criminologia Cultural tem uma peculiaridade, qual seja, a de ultrapassar os limites dos estudos da Criminologia Ortodoxa, avançando nas teorias da Criminologia Marxista e Crítica, sem pretensão de substituir nenhuma corrente criminológica anterior, muito pelo contrário, como já disse, essa nova corrente criminológica quer aprimorar os estudos de forma a completar o que as demais correntes afirmaram.

Isso acontece, pois a Criminologia Cultural quer evidenciar o sentido da atividade delitiva no momento que a transgressão ocorre, com maior interesse no primeiro plano do crime, esclarecendo os símbolos de percepção e realização do crime por meio da apreensão visual e sensorial deste. Isto quer dizer que tem escopo de estar mais perto da realidade, o que não ocorre quando vestimos a ótica da Criminologia Ortodoxa, assim:

Para os criminologistas culturais, os significados simbólicos e os estilos de comunicação dão a dinâmica da vida humana, fazem parte da vida também dos que estudam o crime e seu controle, portanto devem ser parte intrínseca ao estudo do crime. A escrita em terceira pessoa, o cálculo em percentuais estatísticos, as grandes tabelas e fluxogramas separam a imagem, a emoção e a subjetividade destas relações, só perpetuam este distanciamento calculado (STREHLAU, Juliana Chaves, [201-?], p.20).

Nesse sentido, a Criminologia Cultural estuda não somente o crime, mas a transgressão, que deve ser entendida a conduta de ir contra as regras pré-estabelecidas pela sociedade com uma análise dos valores éticos e morais estabelecidos pela mesma sociedade no âmbito de cultura.

A cultura é entendida como uma condição de existência dos homens, produto de um processo contínuo que dão sentido as ações, portanto, a cultura seria

a produção de significados e sentidos mediante as relações entre os indivíduos (STREHLAU, Juliana Chaves, [201?], p.22).

Assim, a Criminologia Cultural avança na visão do indivíduo como um ser envolvido nos fatores intrínsecos da dinâmica social na hora da experimentação do crime, isto é, busca entender o significado simbólico do crime com relação às subculturas e as formas de controle criminal. Parte do pressuposto de que o ato de transgredir possui um atrativo e quando miramos a relação entre subcultura surge a ideia da contracultura criminosa, onde seu estilo de vida choca com os conceitos convencionais de legalidade e moralidade (OXLEY DA ROCHA, 2012 apud STREHLAU, Juliana Chaves,[201-?] p.24), só que este próprio estilo de vida pertence a identidade subcultural do grupo, que se diferencia da Cultura predominante por meio de símbolos como o modo de se vestir, comportamento e etc (Já podemos encaixar o cenário do Rock durante todo seu processo histórico como a subcultura que tinha como principal característica a transgressão, com o próprio ditado de “quebrar as regras”, uma verdadeira contracultura). Quanto a este atrativo, é importante lembrar umas principais obras da Criminologia Cultural, o “*Crimes of Style*” de Jeff Ferrel de 1996, onde é relatada a experiência do autor convivendo com os grafiteiros em Denver no Colorado, EUA, onde estes tinham como a razão de transgredir a pura adrenalina de criar e se colocar contra a lei através da necessidade de se expressar.

Para completar nosso raciocínio, segue a lição de Keith Hayward e Jock Young (2011, p.7 apud STREHLAU, p.23):

Crime is an act of rule braking. It involves an attitude to rules, an assessment of their justness and appropriateness, and a motivation to break them whether by outright transgression or by neutralization. It is not, as in positivism, a situation where the actor is mechanistically propelled towards desiderata and on the way happens to cross the rules; it is not, as in rational choice theory, a scenario where the actor merely seeks the holes in the net of social control and ducks and dives his or her way through them. Rather, in cultural criminology, the act of transgression itself has attractions – it is through rule breaking that subcultural problems attempt solution⁵

⁵ “O crime é um ato de quebrar regras. Isso envolve uma atitude em relação às regras, uma avaliação de a quão justa e adequada são, e motivação para quebrá-las tanto por pura e simples transgressão ou pela neutralidade. Não é, como no positivismo, uma situação onde o ator é impelido para um desiderato e no seu caminho acaba por cruzar com a lei; esta não é, como na teoria da escolha racional, um cenário onde o ator apenas procura por um furo na rede de controle social e acaba desviando seu caminho por ele. Pelo contrário, na criminologia cultural, o ato de transgressão em si

Assim como na subcultura dos grafiteiros, na do Rock também há um *ethos* próprio, isto é, “as características morais, sociais e afetivas que definem o comportamento de uma determinada pessoa ou cultura” (ETHOS, 2017), mesmo que seja um comportamento criminoso que para seus membros (da subcultura) sejam considerados adequados. Essa adrenalina do crime se torna viciosa e desse ponto de vista, ensina Prof^o Oxley da Rocha (2012, p.13), que se destaca uma das maiores preocupações da Criminologia Cultural que é:

Estabelecer em que medida o comportamento desviante ou criminoso desafia, subverte ou resiste aos valores, símbolos e códigos da cultura dominante. A preocupação em investigar as subculturas desviantes, nos termos precisos de desafios e resistências que elas oferecem, é a principal linha divisória entre a Criminologia Cultural e aquelas criminologias que levam a cultura a sério, mas não representam o desvio como desafio e resistência. É preciso ter presente a ideia segundo a qual subculturas desviantes desafiam a cultura dominante não implica que elas o façam de maneira consciente ou direta.

Conforme os seguintes ensinamentos de Jeff Ferrel (1999, p.405) no sentido de que por muitas vezes estas subculturas minoritárias acabam sendo rotuladas pela *mass media* como autoras de produtos criminosos, justamente porque aqueles que ocupam posição na mídia pertencem a Cultura Majoritária e estas se sentem numa posição superior e adequada para afirmar o que é ou não criminoso:

Punk and heavy metal bands, and associated record companies, distributors, and retail outlets, have encountered obscenity rulings, civil and criminal suits, high-profile police raids, and police interference with concerts. Performers, producers, distributors, and retailers of rap and “gangsta rap” music have likewise faced arrest and conviction on obscenity charges, legal confiscation of albums, highly publicized protests, boycotts, hearings organized by political figures and police officials, and ongoing media campaigns and legal proceedings accusing them of promoting – indeed, directly causing – crime and delinquency⁶

mesmo tem atrações – e é através da quebra das regras que está a tentativa de solucionar os problemas subculturais.” – Tradução Nossa.

⁶ “Bandas de punk’s e heavy metal, e sua gravadoras, distribuidoras e lojas de varejo têm se deparado com regras obscenas, processos civis e criminais, ataques policiais em alto grau e sua interferência em shows. Artistas, produtores, distribuidores, improvisadores de rap e rappers enfrentam prisões e condenações por obscenidade; sofrem confisco de seus álbuns, protestos de grande repercussão, boicotes, audições organizadas por figuras políticas e policiais, além de campanhas de da mídia e processos judiciais acusando-os de promover – na verdade, causando diretamente – o crime e a delinquência.” – Tradução Nossa.

Após lição bem dada pelo Professor supracitado, resta-me terminar o capítulo afirmando que o Rock se amolda perfeitamente no estudo da Criminologia Cultural e examinando os pontos principais trabalhados em síntese neste artigo, podemos concluir que se trata de um estilo artístico-musical desafiador ao *status quo*, que interessa muito ao estudo da Criminologia Cultural.

8 CONCLUSÃO

Como já foi explanado logo no início do trabalho, a música não era o nosso maior objeto de estudo, e sim, a influência desta para a Criminologia. Foi demonstrado por meio de breves estudos sobre esta nova corrente criminológica que o Rock por ser uma subcultura pode ser explorado por esta tese, e enfim, ser objeto de estudo mais aprofundado, haja vista que a compatibilidade deste gênero musical com ela é evidente.

Há diversos temas que interessa a Criminologia, considerando o ambiente cultural que podemos vislumbrar o uso de drogas ilícitas, os crimes de Dano ao patrimônio, a violência, a sua relação com os mecanismos de controle social e até mesmo a tentativa de buscar novos meios que possam auxiliar na diminuição de comportamentos delitivos, mas resta claro dizer, agora a Criminologia traz consigo uma nova abordagem: o criminologista não mais estudará a cultura do Rock por meio de estatísticas e por mero empirismo, a Criminologia Cultural propõe um novo método, o de o cientista entrar no mundo do Rock, na cena *underground* e fazer parte dele e enfim entender o caráter subversivo e transgressor que o Rock reflete, assim, sentir as emoções, os sentimentos que envolvem todos os roqueiros/punks/headbangers e entender sua subcultura como um todo, no aspecto social e seus reflexos no Direito Penal e na Criminologia com finalidade de encontrar com mais eficiência métodos que possam realmente cooperar com as instituições de controle social sem que haja discriminação no tratamento entre eles.

Desse modo, a Criminologia Cultural pretende a avançar nos estudos traçados pela Criminologia Ortodoxa, assim, alcançando cada vez mais eficiência com suas peculiares metodologias e alcançando o estudo com profundidade no

contexto cultural que rege a sociedade e seus grupos que constituem as subculturas e, até mesmo aquelas conhecidas como contraculturas, onde claramente o Rock se mostra relevante objeto da Criminologia Cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAQUARÁ, Blogzine. **A História do Movimento Punk no Mundo e no Brasil**. Disponível em <<https://agenciabaquara.wordpress.com/a-historia-do-movimento-punk-no-mundo-e-no-brasil/>>. Acesso em: 23 abr 2017.

CHACON, Paulo. **O que é ROCK**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

CHAVES STREHLAU, Juliana. **Criminologia Cultural**. Artigo sinótico de Monografia homônima. 2012. Disponível em: <http://www3.pucrs.br/pucrs/files/uni/poa/direito/graduacao/tcc/tcc2/trabalhos2012_2/juliana_strehlau.pdf>. Acesso em: 01 mai 2017.

Documentário **Botinada, a origem do punk no Brasil**. Direção: Gastão Moreira, lançado por ST2, 2006.

ELBERT, Carlos Alberto. **Criminologia, ciência e mudança social**. Porto Alegre: Núria Fabris, 2012.

ESSINGER, Silvio. **PUNK: Anarquia Planetária e a Cena Brasileira**. Editora 34. São Paulo, 1999.

FERREL, Jeff; HAYWARD, Keith; YOUNG, Jock. **Cultural Criminology: an invitation**. London: SAGE, 2008. 240p.

FÉLIX, Andreia. **Sexo, drogas e Rock'n'Roll andam juntos?**. Disponível em: <<https://whiplash.net/materias/opinioes/075346.html>>. Acesso em 22 abr 2017.

FRIEDLANDER, Paul. **ROCK and Roll: Uma História Social**. 6 ed. Rio de Janeiro, 2010.

HAMM; FERREL, 1994 apud FERREL, Jeff. **Cultural Criminology**. **Annu.Rev.Sociol.**v.25, 1999. p.405.

HAYWARD, Keith; YOUNG, Jock. Cultural criminology: some note on the script. **Journal Theoretical Criminology**, v. 8, n. 3, p. 259-285. Disponível em: <<http://blogs.kent.ac.uk/culturalcriminology/>> Acesso em: 01 mai 2017.

MARQUES TINTI, Simone. **História do Rock**. Disponível em: <<https://whiplash.net/materias/biografias/000398.html>>. Acesso em: 22 abr 2017.

MONTFORT, Associação Cultural. **Rock: revolução e satanismo**. Disponível em: <<http://www.montfort.org.br/bra/cadernos/arte/rock/>>. Acesso em 05 abr 2017.

OXLEY DA ROCHA, Álvaro. Crime e Cultura: novas perspectivas e abordagens em criminologia e controle da criminalidade. In: GAUER, Ruth Maria Chitó (Org.). **Criminologia e sistemas jurídico-penais contemporâneos**. 2. Ed. rev. E ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

OXLEY DA ROCHA, Álvaro; SHUCK DA SILVA, Simone. **A Dinâmica Emocional do Desvio: uma análise em criminologia cultura**. Disponível em: <<http://emporiododireito.com.br/a-dinamica-emocional-do-desvio-uma-analise-em-criminologia-cultura-por-alvaro-filipe-oxley-da-rocha-e-simone-schuck-da-silv/>>. Acesso em: 8 mar 2017.

SCHWARTZ, Germano. **Direito & Rock: O BRock e as expectativas normativas da Constituição de 1988 e do Junho de 2013**. Livraria do Advogado Editora, Porto Alegre, 2014.

SIGNIFICADOS.COM. **Ethos**. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/ethos/>> Acesso em: 01 mai 2017.

W. Matt – **Le Rock'n Roll, instrument de Revolution et de subversion culturelle** – Ed St. Raphael Sherbrooke, Quebec, 1981, p. 6.